

# Influência de variáveis contextuais verbais e não verbais no comportamento verbal de escrita

Influence of verbal and nonverbal contextual variables on verbal writing behavior

La influencia de variables contextuales verbales y no verbales en el comportamiento verbal de la escritura

Letícia Nunes de Paula ✉

Luiza Macêdo Ferreira

Lorismário Ernesto Simonassi

Thaíssa Neves Rezende Pontes

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo mensurar como os contextos, verbal (instrução) e não verbal (figuras), exerceram controle sobre as respostas verbais em um episódio verbal total. Participaram do estudo cinco universitários. O procedimento foi dividido em três fases. Na primeira, manipulou-se o contexto “laranja”; na segunda, “ponto”; na terceira, “tênis”. Todas as fases continham três situações experimentais (SE). Nas SE-1, SE-4 e SE-7, manipulou-se apenas o contexto verbal; nas SE-2, SE-3, SE-5, SE-6, SE-8 e SE-9, manipularam-se os contextos verbal e não verbal. O contexto não verbal se deu por figuras, e o verbal, pelo pedido de relato usado como registro das respostas. A análise foi feita entre sujeitos e um intrassujeito, classificando as respostas em acordo ou desacordo com o contexto ou, ainda, como estímulo discriminativo figura (SD), por meio de classes de respostas possíveis preestabelecidas. Verificou-se que os diferentes contextos exerceram controle sobre o significado das palavras no comportamento de escrita.

*Palavras-chave:* comportamento verbal, contexto, estímulo discriminativo, significado

## ABSTRACT

The present study aimed to measure how verbal (instructions) and nonverbal (pictures) contexts exert control over verbal responses in a total verbal episode. Participants consisted in five undergraduate students. The procedure was divided in three phases: in the first phase the context “orange” was manipulated; in the second phase the context “point”; and, in the third phase the context “tennis”. All phases had three experimental situations (SE). In SE-1, SE-4, and SE-7 only the verbal context was manipulated. In SE-2, SE-3, SE-5, SE-6, SE-8, and SE-9 the verbal and nonverbal contexts were manipulated. For each SE, the participants were required to submit written answers. Data analysis was made using subjects as their own control (within-subjects design) and comparison between participants (between-subject design). Possible response classes were previously established, and all written answers were classified in agreement or disagreement with the context, either with the discriminative stimulus (Sd) or with none of the established classes. It was found that the different contexts controlled the meaning of words in the written behavior.

*Keywords:* verbal behavior, context, discriminative stimulus, word meaning

## RESUMEN

El presente trabajo tuvo como objetivo mensurar como los contextos, verbal (instrucción) y no verbal (figuras), controlan las respuestas verbales en un episodio verbal total. Participaron de este estudio cinco estudiantes universitarios. El procedimiento fue dividido en tres etapas, en la primera etapa el contexto “naranja” fue manipulado, en la segunda el contexto “punto” y en la tercera el contexto “tenis”. Todas las etapas tuvieron tres Situaciones Experimentales (SE), en la SE-1, SE-4 y SE-7 solo el contexto verbal fue manipulado y en las SE-2, SE-3, SE-5, SE-6, SE-8 y SE-9 los contextos verbales y no-verbales fueron manipulados. Para el contexto no verbal se utilizaron figuras y para el contexto verbal se utilizó la solicitud de un relato, que fue utilizado como registro. El análisis ha sido hecho entre sujetos y un intra sujeto, clasificando las respuestas en acuerdo o desacuerdo con el contexto, o aún como estímulo discriminatorio figura (SD), por medio de clases de respuestas posibles establecidas. Se verificó que los distintos contextos ejercieron control en el significado de las palabras y la conducta de escribir.

*Palabras clave:* conducta verbal, contexto, estímulo discriminatorio, significado

O comportamento pode ser dividido didaticamente em classes com base no tipo de controle de estímulos vigente. Aos comportamentos eliciados por estímulos ambientais antecedentes, dá-se o nome de comportamento reflexo ou respondente (Keller & Schoenfeld, 1974/1950; Paula, 2018). Já os comportamentos operantes são aqueles que atuam sobre o meio, modificando-o e sendo modificados por ele (Keller & Schoenfeld, 1974/1950). O comportamento operante é multideterminado, portanto variáveis antecedentes e

variáveis consequentes exercem controle em função do histórico de reforçamento. Dentre as variáveis antecedentes encontra-se o contexto (Simonassi, Tizo, Gomes, & Alvarenga, 2010; Skinner, 1978/1957).

O comportamento verbal é um tipo particular de comportamento operante, pois é selecionado e mantido por reforçamento de outra pessoa: o ouvinte (Skinner, 1978/1957). Ele opera no ambiente de forma indireta, depende do ouvinte para mediar o reforçador para o falante. Skinner

(1978/1957) chama de episódio verbal total quando ocorre troca de função entre falante e ouvinte de forma dinâmica.

Para a Análise do Comportamento, o “pensar” ou “cognição” é comportamento verbal, diferindo da fala oral ou gestual por ocorrer de forma privada; apenas quem se comporta tem acesso a ele, sendo falante e ouvinte a mesma pessoa (Baum, 2006; Simonassi et al., 2010; Simonassi & Cameschi, 2003; Skinner, 1974). Como um comportamento, ele é passível de ser mensurável e manipulado, controlando-se as variáveis. Dessa forma, o “pensar” pode ser medido por meio da resolução de um problema. Quando a pessoa consegue descrever o que fez, isso é chamado de comportamento cênscio e pode ser obtido por meio de um relato verbal, vocal ou escrito (Simonassi et al., 2010; Skinner, 2006/1974).

Apesar do predominante controle pelos estímulos consequentes nos operantes, estímulos antecedentes podem, por correlação com o reforço, sinalizar uma situação de maior ou menor probabilidade de ser reforçado ao comportar-se, contribuindo, assim, de maneira substancial para o sucesso da emissão de respostas efetivas pelos organismos nos ambientes oportunos (De Rose, 1982; Paula, 2018). Matos (1999) discorre como alguns dos estímulos antecedentes podem ser analisados no estudo do comportamento e os diferencia em: estímulo discriminativo, estímulo condicional ou estímulo contextual.

Discriminar algo ou alguma coisa é ficar sob controle de estímulos A (Sd), e não de estímulos B (S delta), ou seja, responder na presença de um antecedente e não responder na presença de outros. O estímulo discriminativo (Sd) é um estímulo que aumenta a probabilidade de uma resposta ocorrer, e esse repertório é estabelecido por meio do reforçamento diferencial (Martin & Pear, 2007; Matos, 1999; Sério, Andery, Gioia, & Micheletto, 2002; Skinner, 2010/1953).

O estímulo condicional desempenha uma relação estímulo-estímulo (S-S) com o estímulo discriminativo. Em algumas ocasiões, acontece de circunstâncias adicionais exercerem controle sobre o estímulo discriminativo e mudar a função, a probabilidade ou a força do Sd. Isso permite que se estabeleçam discriminações de certas propriedades de um estímulo e generalização de outras, propiciando a formação de classes conceituais ou de classes de equivalência de estímulos (Matos, 1999).

O estímulo contextual, para Matos (1999), também desempenha uma relação S-S, porém seriam estímulos condicionais de segunda ordem, isto é, um tipo de estímulo condicional que controla classes de estímulos condicionais. Dessa forma, os estímulos contextuais estabelecem intersecções entre classes conceituais, podendo reorganizar estímulos de acordo com diferentes propriedades destes. A autora problematiza a questão do estímulo contextual, se são estímulos condicionais de segunda ordem ou apenas um conjunto de estímulos condicionais. Seria uma classe diferente de estímulos ou um conjunto de classes condicionais?

O que é colocado por Matos (1999) como estímulo condicional foi chamado por Baum (2006) de estímulo contextual. Baum (2006) não faz uma diferenciação pontual entre controle por estímulos e contexto, muito provavelmente em função da ênfase na unidade de análise molar. O presente estudo faz uma análise molecular, e, por isso, é preciso diferenciar estímulo discriminativo e contexto.

Com base em discussões orais feitas sobre o assunto e em paralelo à proposta de Matos (1999), concluiu-se que o contexto é um conjunto de estímulos que sinalizam uma ocasião para ocorrer alguns tipos de resposta/comportamento. Essa proposta é muito próxima do que a autora chamou de estímulo condicional. O estímulo discriminativo é um único estímulo que sinaliza uma ocasião para ocorrer uma resposta/comportamento. Em algumas situações, o contexto exerce mais influência sobre um

comportamento que um estímulo discriminativo, e, em outras, um estímulo discriminativo, mais que o contexto (Discussão oral feita no Laec por L. E. Simonassi, I. R. F. Mendes, L. M. Ferreira, L. N. Paula e W. F. Lima, 2016).

O contexto é definido por Simonassi, Tizo, Gomes e Alvarenga (2010) e por Carrara (2004) como um conjunto de condições, verbais ou não, sob as quais o comportamento acontece. Um exemplo de contexto verbal que pode controlar o comportamento é uma regra/instrução (Gomes et al. 2017; Simonassi et al. 2010). Um contexto não verbal pode ser a cor de um disco, controlando o responder em um disco A ou um disco B, em experimentos com pombos.

Em laboratório, vários experimentos mostraram que a discriminação de um contexto para o outro pode ser feita com infra-humanos (Reynolds, 1961; Terrace, 1963; Watanabe, Sakamoto, & Wakita, 1995). Skinner (1938) conduziu um experimento sobre discriminação com ratos, no qual um rato foi primeiramente modelado a pressionar a barra para obter alimento. Posteriormente, em um procedimento de condicionamento periódico (P-R) de intervalo fixo de 5 minutos, aprendeu a discriminar o responder apenas quando a luz da câmara estivesse intensa. A luz intensa foi a condição em que a resposta de pressão à barra foi reforçada (Sd) pelo acesso ao alimento, e a luz fraca foi a condição em que a resposta de pressão à barra não foi reforçada (S delta) pelo acesso ao alimento. Durante 5 minutos, a luz da câmara ficava com a intensidade fraca (S delta), e nenhuma resposta era reforçada. Assim que a intensidade da luz ficava forte (Sd), a primeira resposta de pressão à barra era reforçada. Nesse experimento, a intensidade da luz propiciava a ocasião em que a resposta de pressão à barra era reforçada ou não – a luz era um contexto.

Experimentos com humanos mostram a discriminação de contextos verbais e não verbais (Gomes et al., 2017; Simonassi et al., 2010). O

experimento de Simonassi et al. (2010), verificou experimentalmente como contextos verbais (instruções) e não verbais (objetos) controlaram respostas verbais em um episódio verbal total. Participaram desse estudo dez participantes. O delineamento foi intrassujeito, e cada um foi exposto às quatro condições experimentais. Na condição 1, foi apresentada a instrução “Queime logo esta ponta aí”. Nas condições 2 e 3, além da mesma instrução, foram acrescentados estímulos não verbais: condição 2, bandeja com uma caixa de fósforos e um pedaço de barbante; condição 3,  $\frac{3}{4}$  de uma vela. Na condição 4, a instrução foi modificada para “Queime logo esta ponta aí. Calma senhor, senão acabo estragando a roupa” e não foi apresentado estímulo não verbal. Em todas as condições, os participantes foram solicitados a escrever suas respostas de “Em qual contexto você acha que esta frase foi dita?” Como resultados encontrados, verificou-se que houve controle contextual nas condições verbais e não verbais.

O contexto, além de exercer controle sobre o comportamento, também determina qual significado uma palavra pode ter (Baum, 2006, Gomes et al., 2017; Simonassi et al., 2010; Skinner, 1974). Por exemplo, em nossa comunidade verbal de língua portuguesa no Brasil, algumas palavras podem apresentar mais de um significado dependendo do contexto. A palavra “manga”, dita em uma confecção de roupas, muito provavelmente refere-se à parte da roupa e dita em uma feira de hortifrúti, muito provavelmente refere-se à fruta. Moore (2002) discute que os significados não estão nas palavras; estas não são coisas e não carregam seus significados com elas, portanto deve-se atentar para o contexto em que são emitidas.

Staats (1964), traz a significação das palavras na comunicação como transferência de significados de signo para signo. Por meio de um condicionamento operante, uma resposta determinada por uma palavra passa para outra palavra, em analogia ao que

propõe Mowrer (1954), que discute sobre essa transferência como produto de um condicionamento respondente de ordem superior. O processo de aprendizagem e manutenção da linguagem é realizado pela comunidade verbal. A comunidade verbal é quem treina, modela e mantém esse comportamento; a resposta apropriada frente a um estímulo verbal é reforçada, e a inapropriada é punida ou extinta (Baum, 2006; Passos, 2003; Simonassi & Cameschi, 2003; Skinner, 2010/1953; Staats, 1964).

O presente experimento teve como objetivo mensurar se uma pessoa é capaz de discriminar a função que uma mesma palavra pode adquirir em diferentes contextos. Outro ponto de investigação é quanto o controle exercido pelo contexto (figura como contexto) sobrepõe o controle pelo estímulo discriminativo (figura como Sd). Utilizando-se, para isso, de palavras da língua portuguesa com mais de um significado e de estímulos que as representam, apresentados em momentos diferentes como contextos diferentes. Para este experimento, as variáveis independentes manipuladas foram os contextos verbais (pedido de relato) e não verbais (figuras), enquanto as variáveis dependentes foram as respostas dos participantes (relato escrito), ficando sob o controle do contexto ou não.

## MÉTODO

### *Participantes*

Participaram do estudo 5 alunos, de ambos os sexos, com idades entre 18 e 30 anos, participantes sem histórico experimental, solicitados no espaço comum da universidade. O convite foi feito verbalmente para a participação de um estudo de Psicologia com duração aproximada de 20 minutos. Disponibilizaram-se a participar e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Todos os procedimentos foram aprovados por comitê responsável local (Coap-Prope inscrição 5502).

### *Ambiente e estímulos experimentais*

O experimento foi realizado nas cabines de coleta do Laboratório de Análise Experimental do Comportamento da universidade, com o espaço de 4m<sup>2</sup>, iluminação artificial, com uma cadeira, uma mesa, um computador (que não foi utilizado), 6 figuras impressas e plastificadas (15cm x 10cm), 45 folhas de registro tamanho A4, sendo 9 folhas para cada participante, e canetas.

Para realizar o experimento foram escolhidas três palavras da língua portuguesa – laranja, ponto e tênis – que são usadas para nomear diferentes objetos. Laranja pode ser a fruta ou a cor. ponto pode ser ponto de ônibus ou de pontuação ortográfica, e tênis, o esporte ou o calçado. Os estímulos contextuais verbais consistiram no pedido de relato da folha de registro, e os estímulos contextuais não verbais foram as figuras contextuais. Foram utilizadas seis figuras contextuais representando as classes laranja (cores e frutas), ponto (trânsito e pontuação gramatical) e tênis (esporte e calçados). Vide Figura 1.

### *Procedimento*

O procedimento foi dividido em três fases, sendo a primeira sobre o contexto laranja, a segunda sobre o contexto ponto e a terceira sobre o contexto tênis, cada uma contendo três situações experimentais (SE). Todos os participantes passaram pelas três fases. Na SE-1 da primeira fase, foi dada uma folha com a instrução “Escreva na linha abaixo o que você pensa primeiro quando lê a palavra *laranja*”. Para a SE-2, solicitou-se ao participante que se retirasse da cabine para a introdução da primeira figura-contexto *cores*, então o participante retornou à cabine, que continha uma nova folha com pedido de relato com a mesma instrução da SE-1. Em seguida, o participante foi retirado da cabine novamente, para início da SE-3. Fez-se a troca da figura-contexto anteriormente mencionada pela figura-contexto *frutas*, e uma nova folha de relato, com a mesma instrução das anteriores, foi colocada na cabine.

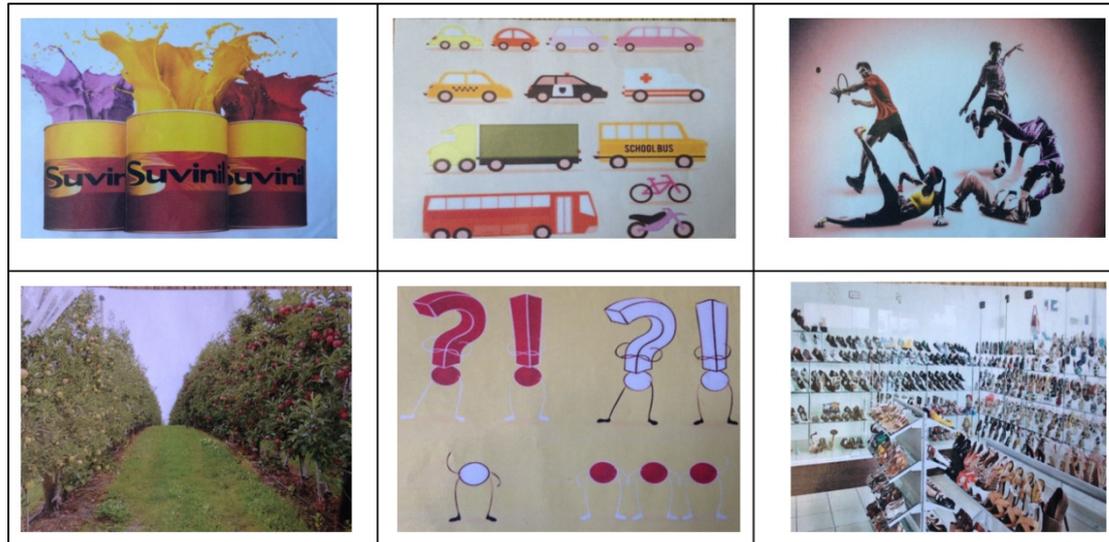


Figura 1. Figuras conceituais

Esse procedimento se repetiu nas outras fases, com a alteração dos contextos verbal (pedido de relato) e não verbal (figuras-contexto). Após o término das três fases detalhadas na Tabela 1, o experimento é encerrado.

### ANÁLISE DE DADOS

A análise foi feita classificando os resultados obtidos nas folhas de registro de acordo com as classes de respostas-contexto possíveis, se as respostas obtidas estão de acordo com a variável

manipulada. Ainda ressaltamos a possibilidade de outro tipo de resposta que, apesar de ser controlada pelos estímulos apresentados, não responde a eles como estímulo contextual, e sim como estímulo discriminativo. Tais respostas são a exata descrição do estímulo apresentado e foram consideradas como respostas em desacordo com o contexto. Apesar de a figura fazer parte do contexto, foi analisado diferencialmente como estímulo discriminativo, conforme demonstrado na Tabela 2.

Tabela 1  
Fases do experimento

FASES	SE-1	Tinta (SE-2)	Pomar (SE-3)
1	Contexto verbal relativo à palavra <i>laranja</i> .	Figura tinta, contexto <i>cores</i> ; repetição do contexto verbal da LB.	Figura pomar, contexto <i>frutas</i> ; repetição do contexto verbal da LB.
	SE-4	Trânsito (SE-5)	Gramática (SE-6)
2	Contexto verbal relativo à palavra <i>ponto</i> .	Figura trânsito, contexto <i>transporte</i> ; repetição do contexto verbal da LB.	Figura pontuação ortográfica, contexto <i>pontuação</i> ; repetição do contexto verbal da LB.
	SE-7	Esporte (SE-8)	Sapato (SE-9)
3	Contexto verbal relativa à palavra <i>tênis</i> .	Figura modalidades esportivas, contexto <i>esportes</i> ; repetição do contexto verbal da LB.	Figura loja de calçados, contexto <i>calçados</i> ; repetição do contexto verbal da LB.

Tabela 2

*Respostas consideradas que ficaram sob controle da figura como estímulo discriminativo*

Respostas para Estímulo Discriminativo	
SE-2	Pomar
SE-3	Tintas/ Tintas Suvinil
SE-5	Trânsito
SE-6	Pontuação
SE-8	Esportes
SE-9	Sapataria

Há ainda a possibilidade de a resposta estar em desacordo com todas essas classes descritas, sendo, no presente trabalho, considerada apenas como não referente ao contexto nem ao estímulo discriminativo. Na possibilidade de responder em ambas as classes, a resposta será computada tanto em Sd quanto em contexto. Após a classificação de cada resposta dentro desses parâmetros, os resultados foram analisados entre sujeitos e intrassujeitos.

Na Fase 1, foram separadas três classes de respostas, sendo a primeira delas a classe *laranja ampla*, que engloba todas as respostas possíveis relacionadas ao termo. Tal classe e as outras estão descritas na Tabela 3. Para a Fase 2 também foi proposta a divisão em três classes de respostas, expostas na Tabela 4. O mesmo vale para Fase 3, em que as três classes foram divididas conforme exposto na Tabela 5.

Tabela 3

*Classes de respostas possíveis para “laranja” em cada situação experimental*

Classes de Respostas Possíveis Laranja	
Classe <i>laranja ampla</i>	Cor laranja/outras cores Fruta laranja/ outras frutas Sabor/cheiro da fruta laranja Cítricos e ademais propriedades da fruta laranja Laranjeira (pé da fruta laranja) Objetos da cor laranja Pessoa corrupta (cujo nome é usado para fazer coisas ilícitas por terceiros) Sucos/doces/pratos em geral que utilizem em sua composição laranja
Contexto <i>cor laranja</i>	Cor laranja Outras cores Objetos cor laranja Pigmentos, lápis e tonalidades de cor laranja
Contexto <i>fruta laranja</i>	Fruta laranja, outras frutas Sucos, doce, receitas culinárias que levem laranja

## RESULTADOS

Na fase 1, manipulou-se o contexto *laranja*. A situação experimental 1 (SE-1), contexto verbal *laranja*, obteve 100% das respostas em acordo com o previsto na classe *laranja ampla*. Na SE-2,

contexto *laranja cor*, 60% responderam de acordo com respostas possíveis na classe *laranja cor*, e 40% (participantes 1 e 4), responderam de acordo com o estímulo discriminativo (Sd). Ficaram, assim, sob controle da imagem *tinta*, e não especificamente do contexto *cor*.

Tabela 4

*Classes de respostas possíveis para “ponto” em cada situação experimental*

<b>Classes de Respostas Possíveis Ponto</b>	
Classe <i>ponto ampla</i>	Ponto gramatical
	Ponto de ônibus/táxi
	Ponto local (exemplo ponto comercial)
	Fim de discussão
	Argumento/opinião
	Posicionamento político
	Ortografia em geral/símbolos
Contexto <i>trânsito</i>	Ponto de ônibus
	Ponto de táxi
Contexto <i>ponto gramatical</i>	Ponto gramatical/ortográfico
	Texto/função textual
	Símbolos

Tabela 5

*Classes de respostas possíveis para “tênis” em cada situação experimental*

<b>Classes de Respostas Possíveis Tênis</b>	
Classe <i>tênis ampla</i>	Calçado/outros calçados
	Esporte
	Tênis de quadra/tênis de mesa
	Marcas de sapato
	Sapataria
Contexto <i>tênis esporte</i>	Esse esporte
	Tênis de mesa/quadra
	Bola/raquete
	Exercícios físicos
Contexto <i>sapato tênis</i>	Esse sapato/outros sapatos
	Marcas/modelos de sapato, meias

Na SE-3, contexto *laranja fruta*, 100% dos participantes responderam de acordo com as respostas possíveis na classe *laranja fruta*, e o participante 5 (20%) também deu uma resposta como Sd. O participante 5 apresentou duas respostas, uma que correspondeu às respostas previstas para contexto e uma que correspondeu à resposta prevista pelo Sd. Nesse caso, como mencionado anteriormente, ele foi incluído nos dois grupos, tanto no que ficou sob o controle do contexto quanto no que ficou sob o controle de Sd. A Tabela 6 mostra as respostas de todos os participantes na situação experimental 1, contexto *laranja*.

Na Fase 2, contexto *ponto*, a SE-4, contexto verbal *ponto*, teve 100% das respostas previstas na classe *ponto ampla*. No contexto *trânsito*, SE-5, 80% responderam em acordo com o contexto *trânsito*, e 20% (participante 2) ficaram sob o controle apenas da figura, configurando-se, assim, como Sd. Já no contexto *ponto gramatical*, SE-6, 80% das respostas dos participantes estavam em acordo com o contexto, e 20% (participante 3) ficaram sob o controle do estímulo discriminativo. A Tabela 7 mostra as respostas de todos os participantes na situação experimental 2, contexto *ponto*.

Na última fase, contexto *tênis*, na SE-7, 100% das respostas estiveram de acordo com a classe *tênis*

*ampla*. Dada a situação experimental 8, referente ao contexto *esporte*, 80% das respostas ficaram sob o controle do contexto, e 20%, em desacordo com ambas as classes (participante 2). Já na situação contexto *sapato*, SE-9, 80% das respostas estiveram

de acordo com o contexto, e 20% (participante 2) responderam em acordo com a figura. A Tabela 8 mostra as respostas de todos os participantes na situação experimental 3, contexto *tênis*.

Tabela 6

*Respostas de todos os participantes na Fase 1, contexto laranja*

Palavra Laranja	SE-1 Laranja	Tinta (SE-2)	Pomar (SE-3)
P1	Fruta	Tintas Suvinil	Frutas
P2	Azeda	Amarelo	Laranja
P3	Fruta redonda de cor laranja	Uma tinta com a cor laranja	Pé de laranja
P4	Fruta	Tinta, mistura	Fruta
P5	Fruto adocicado; também me remete à sua cor alaranjada	Cor alaranjada	Plantação, fruto

Tabela 7

*Respostas de todos os participantes na Fase 2, contexto ponto*

Palavra Ponto	SE-4 Ponto	Trânsito (SE-5)	Gramática (SE-6)
P1	Lugar	Ponto de ônibus, ponto de taxi	Ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação
P2	Final	Trânsito	Ortografia
P3	Um ponto final	Um ponto de ônibus	Várias formas de pontuação
P4	Fim de discussão, argumento; símbolo	Espera do ônibus. "Checagem" de horário	Símbolos
P5	Sinal de pontuação, remete a algum tipo de pontuação	Parada obrigatória de veículos para transporte de indivíduos	Pontuação grammatical

Tabela 8

*Respostas de todos os participantes na Fase 3, contexto tênis*

Palavra Tênis	SE-7 Tênis	Esporte (SE-8)	Sapato (SE-9)
P1	Calçado	Esporte	Frutas
P2	Exercício físico	Corrida	Laranja
P3	Um jogo de tênis, raquete, jogador	Um jogo de tênis, jogador, raquete	Um tênis, calçado
P4	Calçado, esporte	Esporte	Calçado
P5	Calçado confortável	Esporte, atividade física, jogo	Calçado confortável

Ao se analisar um participante individualmente, é possível ver a mudança do comportamento verbal escrito durante o experimento controlado por cada contexto. Tomando como base o participante 5 na SE-1, contexto verbal *laranja*, percebe-se que ele respondeu sobre fruta e cor. Na SE-2, contexto *laranja cor*, ele respondeu "cor alaranjada"; na SE-

3, contexto *laranja fruta*, ele respondeu "fruto", relativo ao contexto, e "plantação", que foi a figura apresentada, Sd. Na SE-4 *ponto*, ele respondeu sobre pontuação gramatical; no contexto *ponto trânsito* SE-5, ele deu uma definição de um ponto de ônibus ou táxi; no contexto *ponto grammatical* SE-6, ele respondeu "pontuação grammatical". Na SE-7

*tênis*, ele respondeu sobre o calçado na situação de contexto *tênis esporte*; na SE-8, ele respondeu sobre

esporte; por último, no contexto *tênis calçado* (SE-9), ele voltou a responder calçado confortável.

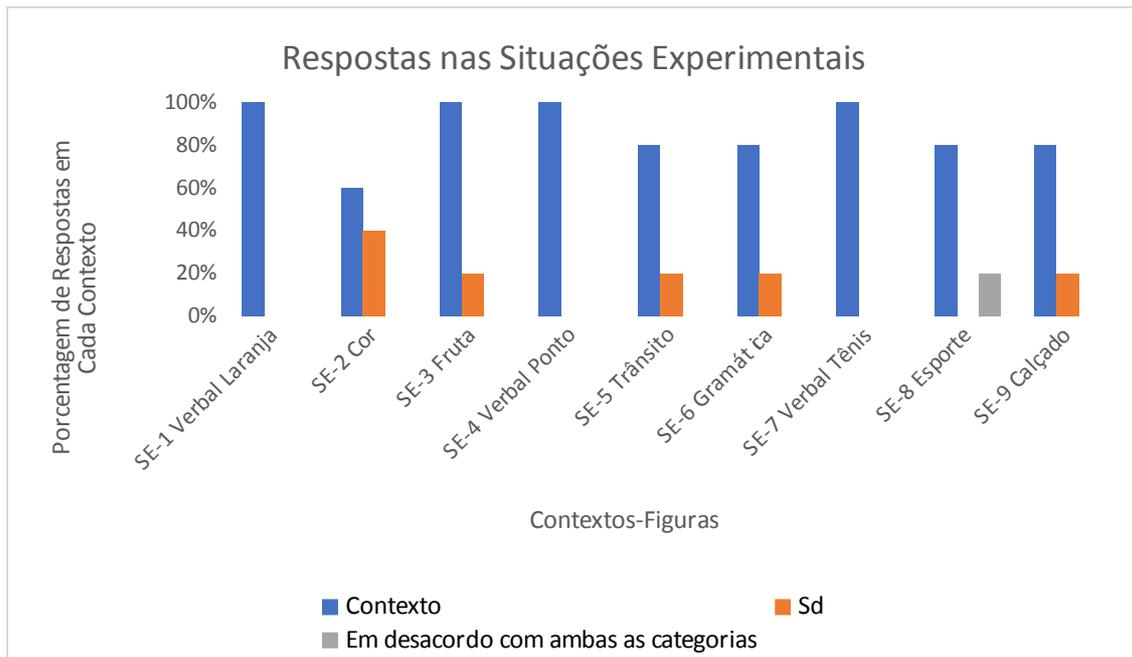


Figura 2. Respostas nas situações experimentais

A Figura 2 sumariza os resultados de todos os participantes em todas as situações experimentais, possibilitando uma análise entre sujeitos. Dos resultados obtidos, 39 respostas do total de 45, configurando 87% das respostas dos participantes, ficaram sob o controle do contexto, enquanto o restante das respostas (11%) foi controlado pelas figuras, enquadrando tais respostas como estímulo discriminativo, e uma resposta (2%) esteve em desacordo com ambas as categorias. As respostas em Sd mostram uma possível necessidade de intensificar o controle do estímulo contextual em replicações futuras (vide Figura 3).

## DISCUSSÃO

Com os dados obtidos neste estudo, verificou-se que as variáveis manipuladas, estímulos contextuais verbais e não verbais, foram determinantes para o episódio verbal total. Assim, as instruções e os estímulos contextuais figuras controlaram o comportamento do ouvinte, corroborando Gomes et al. (2017) e Simonassi et al. (2010). O contexto exerceu maior controle sobre o comportamento dos participantes do que outras variáveis, o que indica

controle experimental. Quando o contexto foi alterado, verbal e não verbal nas diferentes fases e situações experimentais, as respostas verbais escritas dos participantes também se alteraram, com 98% das respostas de acordo com o contexto ou com o Sd. Houve ainda maior controle por contexto que pelo Sd e outras respostas não inclusas nesses dois grupos em análise.

Diante da restrita literatura disponível para diferenciar contexto e estímulo discriminativo, o presente estudo propôs uma diferenciação entre estes dois conceitos. Contexto, para tanto, é um conjunto de estímulos que sinalizam ocasião para ocorrer alguns tipos de resposta, ou seja, um agrupado de estímulos que sinaliza a ocorrência de uma classe de respostas. Já o estímulo discriminativo é um único estímulo que indica ocasião para ocorrer um tipo de resposta; a principal distinção entre eles seria a quantidade de estímulos (Discussão oral feita no Laboratório de Análise Experimental do Comportamento, 2016). Os dados encontrados no presente experimento validam essa proposta, dado que o controle por estímulos contextuais sobrepôs o controle pelo Sd. Os

participantes ficam predominantemente sob controle dos contextos verbais e não verbais.

O episódio verbal total se deu pela troca de função de falante e ouvinte entre experimentadoras-falantes (instrução da folha de registro), participantes-ouvintes (leitura da instrução), participantes-falantes (relato escrito) e experimentadoras-ouvintes (leitura dos relatos). Skinner (1957/1978) discute que o falante estabelece ocasião para o

comportamento do ouvinte, logo dispõe de contingências para que ocorra o episódio verbal total (Simonassi & Cameschi, 2003). O comportamento verbal pode ser um contexto para outro comportamento verbal. Os resultados encontrados neste estudo fortalecem empiricamente com tais sugestões e corrobora com Gomes et al. (2017), Simonassi et al. (2010), Simonassi & Cameschi (2003) e Skinner (1957/1978).

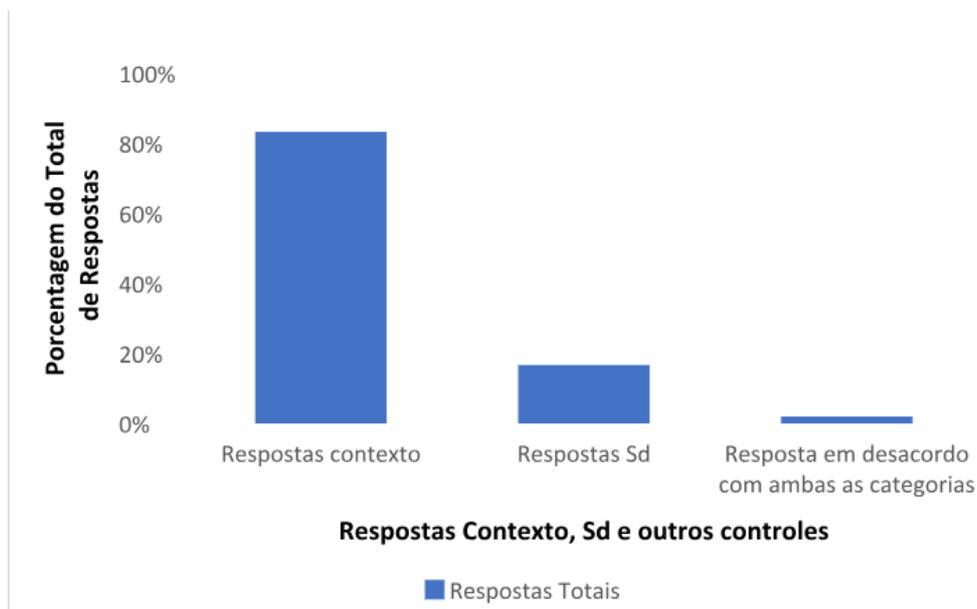


Figura 3. Respostas de acordo com o contexto ou com o Sd

Outra variável manipulada foi o significado que uma palavra pode assumir dependendo do contexto, verbal e não verbal, em que ela foi emitida (Baum, 2006; Moore, 2002; Simonassi, 2010; Skinner, 1974). Neste estudo, dependendo da instrução e/ou da figura apresentada, as palavras poderiam ter significados diferentes. Skinner (1974/2006), enfatiza que o significado não está na sua topografia, sendo assim necessário atentar para a história antecedente. Na história antecedente, considerando uma análise molar, entram variáveis de níveis filogenéticos, ontogenéticos e culturais, e ressaltamos aqui as características ontogenéticas e culturais que marcam a linguagem e seus significados (Baum, 2006). Já quando se volta para uma análise molecular, o foco passa ser os

antecedentes: estímulos discriminativo, estímulo delta e contexto.

Ainda em relação à comunidade verbal que modela e mantém o comportamento verbal, tem-se a transferência de função entre objeto e seu nome. Pode-se perceber que a figura do objeto passa a ter propriedades compartilhadas tanto entre figura e objeto quanto entre as palavras originalmente relacionadas a esse objeto e suas características (Gomes et al., 2017; Simonassi et al., 2010). Ao analisar as respostas dos participantes, é possível verificar que a maioria das respostas dadas diziam respeito a alguma propriedade de estímulo que a palavra pode denotar. Por exemplo, no contexto *fruta* um participante respondeu “azedo”, que se configura como uma propriedade de fruta.

Em estudos futuros ou replicações, seria interessante verificar os efeitos da substituição de imagem/figuras pelo objeto em si, e se essa troca proporcionaria algo de diferente em relação à questão do responder sobre o contexto ou sobre o estímulo discriminativo.

## REFERÊNCIAS

- Baum, W. M. (2006). *Compreender o Behaviorismo*. (M. T. Araújo Silva, M. A. Matos, G.Y. Tomanari, & E. Z. Tourinho, Trans.). Porto Alegre: ArtMed.
- Carrara, K. (2004). Causalidade, relações funcionais e contextualismo: Algumas indagações a partir do behaviorismo radical. *Interações*, 9(12), 29-54.
- De Rose, J. C. (1982). Consciência e propósito no behaviorismo radical. In B. Prado Júnior (Org.), *Filosofia e comportamento* (pp. 67-91). São Paulo: Brasiliense.
- Gomes, U. S., Mendes, Í. R. F., Prado, S. C., dos Santos, A. C. G., Heck, E. T. S., Coelho, C., & Simonassi, L. E. (2017). Studies of context variables in a verbal episode. *Estudos Vida e Saúde*, 44, 16-26. <http://dx.doi.org/10.18224/evs.v0i0.5579>
- Keller, F. S., & Schoenfeld, W. N. (1974). *Princípios de psicologia*. (5th ed., C. Bori & R. Azzi, Trans.). São Paulo: EPU – Editora Pedagógica Universitária. (Original work published 1950)
- Martin, G., Pear, J. (2009). *Modificação de comportamento: O que é e como fazer* (N. C. Aguirre, Trans.). São Paulo: Rocca.
- Matos, M. A. (1999). Controle de estímulo condicional, formação de classes conceituais e comportamentos cognitivos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 1(2), 159-178. <http://dx.doi.org/10.31505/rbtcc.v1i2.281>
- Moore, J. (2002). Words are not things. *The Analysis of Verbal Behavior*, 17, 143-160.
- Mowrer, O. H. (1954). The psychologist looks at language. *American Psychologist*, 9(11), 660-694. <http://dx.doi.org/10.1037/h0062737>
- Passos, M. L. N., (2003). A análise funcional do comportamento verbal em *Verbal Behavior* (1957) de B. F. Skinner. *Revista Brasileira de terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(2), 195-213. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v5i2.81>
- Paula, L. N. (2018). *Análise funcional como ferramenta para nortear mudanças comportamentais* (Unpublished undergraduate thesis). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás.
- Reynolds, G. S. (1961) Attention in the Pigeon. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 4(3), 203-208. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1338701/>
- Sério, T. M. A. P., Andery, M. A., Gioia, P. S., & Micheletto, N. (2002). *Controle de estímulos e comportamento operante: Uma introdução*. São Paulo: Educ.
- Simonassi, L. E., & Cameschi, C. E. (2003). O episódio verbal e a análise de comportamentos verbais privados. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(2), 105-119. <https://dx.doi.org/10.31505/rbtcc.v5i2.75>
- Simonassi, L. E., Tizo, M., Gomes, U. S., & Alvarenga, L. F. C. (2010) Contexto como determinante de comportamentos verbais públicos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 12(1/2), 80-91. <https://dx.doi.org/10.31505/rbtcc.v12i1/2.417>
- Skinner, B. F. (1938). *Behavior of organisms: Chapter five*. USA: D. Appleton & Company.

Skinner, B. F. (1978). *Comportamento verbal*. (M. da P. Villalobos, Trans.). São Paulo: Cultrix. (Original work published 1957).

Skinner, B. F. (2006). *Sobre o Behaviorismo*. (M. da P. Villalobos, Trans.). São Paulo: Cultrix. (Original work published 1974)

Skinner, B. F. (2010). *Ciência e comportamento humano* (Vol. 10, J. C. Todorov & R. Azzi, Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Original work published 1953)

Staats, A. W. (1964). Conditioned Stimuli, conditioned reinforcers and word meaning. In A. W. Staats (Ed.), *Human Learning: Studies extending conditioning principles to complex behavior* (pp. 205-213). New York: Holt.

Terrace, H. S. (1963). Errorless transfer of a discrimination across two continua. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 6(2), 223-235. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/13980669>

Watanabe, S., Sakamoto, J., & Wakita, M. (1995). Pigeons' discrimination of paintings by Monet and Picasso. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 63(2), 165-174. Retrieved from [https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/?term=Watanabe%2C+S.%2C+Sakamoto%2C+J.%2C+%26+Wakita%2C+M.+\(1995\)](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/?term=Watanabe%2C+S.%2C+Sakamoto%2C+J.%2C+%26+Wakita%2C+M.+(1995))

Recebido em 20/11/2017 Revisado em 25/05/2018 Aceito em 05/06/2018
--